



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GRC



Gaiato

Quinzenário • 1 de Dezembro de 2012 • Ano LXIX • N.º 1793 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

QUANTO o tempo nos permite, e mais desejávamos que fosse, saímos à rua a visitar os Pobres que nos procuram e à descoberta de outros que não o fazem.

Neste ambiente generalizado semi-urbano, é difícil dar-se a perceber, a quem passa, as situações de carência que nele se encontram. Raras são as situações que saltam à vista, de pobreza francamente visível. No entanto, ela está lá, e por dentro de um andar de agradável aspecto, vive tantas vezes uma família, ou os que dela restam, depois de uma separação, com a água cortada ou sem energia eléctrica ou com ameaça de despejo... e com fome.

Diversos casos temos ido ver, e deixado um incentivo moral e material, para que o mais responsável desse núcleo familiar não desanime e prossiga na luta pela vida sem desfalecer.

A maior parte das vezes ele é uma mulher, uma mãe, atirada para o lado com os filhos de um progenitor insensível, raiando o irracional. Como é possível o coração do homem ficar tão empedernido?

Há dias recebi uma carta de uma outra mãe, descrevendo a sua vida familiar, em que o pai dos seus filhos teve este comportamento em toda a sua vida e, na hora da morte os quis ver, morrendo num profundo remorso.

Estes são os frutos que abundantemente se vão colhendo depois de uma também abundante sementeira de tudo o que é desprezo pelos sentimentos humanos!

Mesmo com um ordenado mensal rondando o meio milhar de euros, como é possível a uma mãe manter uma casa e uma pequena família, pagando a renda, a luz, a água, a escola, a alimentação... pois tudo isto é exigido por uma vida digna e para que não lhe venha uma Segurança zeladora dos seus filhos, retirar-lhos?

A vida delas tange muitas vezes os limites do desespero.

É certo que outros membros da família são a maior parte das vezes a ajuda e o alento para continuarem a acreditar numa vida independente e sem interferências dominativas do exterior. Mas muitas vezes também, por aqui, é difícil encontrar esse apoio e mantê-lo.

Já não é muito frequente ouvirmos da boca destes Pobres, como recompensa pelo bem que lhes fizemos, um «Deus o ajude». Também Deus foi retirado, nestes casos, das suas vidas, e assim fica tudo mais difícil. Se a fé não nos dá carros nem andares para vivermos, dá-nos uma força capaz de transportar montanhas e vencer as dores mais terríveis. Como Pai Américo dizia «com Cristo tudo é possível».

Quem sabe se, embora não o explicitando, estas mães de que venho falando, não encontrarão n'Ele a sua força para vencer o desprezo e os grandes obstáculos a que foram votadas? □

Acolher para educar filhos sem pais?

DISSERAM os jornais que o Ministério da Segurança Social ia dar uns milhões a instituições que recebem crianças e jovens sem família ou de famílias desestruturadas, porque o seu número cresceu e as respostas são insuficientes. Ora, neste País, fascinado pelo Estado Providência, existe a Obra da Rua, com Casas do Gaiato em Paço de Sousa, Miranda do Corvo e Setúbal, para as quais os serviços do Estado deixaram de mandar crianças. Ali há belos espaços para as receber e uma pedagogia qualificada para as preparar para a vida. Desde o Padre Américo, um educador que nunca se esquecerá, muitas centenas de crianças e jovens por ali passaram e são hoje gente séria e comprometida na sociedade. Com igual amor e competência, os Padres da Rua seguem o exemplo do mestre em Portugal, em Angola e em Moçambique.

E porquê esta cegueira e discriminação? Por-

que a Obra da Rua não quer receber dinheiro do Estado, nem imposições que destruam o seu carisma próprio e o seu caminho educativo, validado pela feliz recuperação de gente criada na rua e aí abandonada. Faz pena ver como jovens funcionárias do Ministério nunca perceberam que, antes de mais, “educar é coisa do coração”. A Obra não recusa o diálogo com gente que saiba, respeite e ajude. Não aceita, porém, gente que apenas impõe. E tem razão. Há várias teses de doutoramento sobre a pedagogia do Padre Américo. Será que a gente que por lá passa a dar ordens já as leu?

Será crime, digno de castigo, o trabalho e as condições defendidas pela Obra da Rua, nomeadamente dispensar o dinheiro do Estado e exigir respeito deste?

† D. António Marcelino, Bispo Emérito de Aveiro, in *O Correio do Vouga*, n.º 4049



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O Carlos chega-se a mim, no final da refeição, ainda antes de saírem da grande sala, todos os rapazes e, à sua maneira, de forma esbaforida, atira-me: — *Olhe que hoje apanhei um homem com os filhos às nossas laranjas, ralhei-lhes e corri com eles. O gajo ainda me ameaçou e quis bater, mas eu agarrei num ferro que trazia comigo e disse-lhe: — Atreve-te! — Eles levaram os sacos das laranjas e fugiram a pé.*

O Carlos não conseguiu assimilar a leitura e mal soletra uma palavra simples, mas é generoso e muito trabalhador. Precisa de ser guiado, mas quando se apercebe da forma e das razões porque se

deve proceder de tal maneira, podemos ficar descansados que as tarefas são executadas conscienciosamente.

Ele carregava esterco com o tractor para as nossas terras e, ao voltar vazio, viu a cena, impôs-se e veio ufanamente relatar-me ao final do jantar.

— *Já viste Carlos, a fome daquela gente!...* —, retorqui-lhe e continuei: — *Quando é que as laranjas estarão maduras? Só em Maio, não é? Vê lá a fome daquelles meninos, apeteceu-lhes comer laranjas tão verdes! Eles poderiam ter vindo pedir algumas coisas que damos diariamente, como os outros, mas já são educados a roubar. Viste o pai com*

eles!... Olha a desgraça daquelas crianças!...

A fome é má conselheira, diz o povo com as suas razões. Roubar nunca foi processo de viver. Como somos educadores sociais, nunca devemos permitir que alguém roube, mesmo com fome devoradora. Na sua sabedoria o povo diz, *mais vale pedir do que roubar*, mas alega logo de seguida que, *o roubar para comer não é pecado*.

Os padres da rua são educadores sociais. Não têm canudos, mas a universidade da vida, em contacto permanente com os pobres, é o seu grande mestre. É lá que as coisas são. Vamos a casa deles, aprendemos a distinguir a realidade da aparência, sensibilizamo-nos

com a sua dignidade e também os recebemos em nossas Casas, onde algumas vezes somos maltratados e ameaçados, permanecendo no mesmo caminho, nunca mudando de estilo, conscientes de que este processo é o mais fecundo, o mais útil e o que educa melhor, apesar de ser o mais sacrificado. Pobres com os pobres, vivendo a pobreza com realidade, evitando tudo o que é abstracção nesta matéria. Estimulando, amparando, sofrendo, negando e, às vezes, até ralhando, sempre na frente da batalha, nunca na retaguarda. **Os pobres são a nossa cruz e a nossa luz.**

A Micá e o Rodrigues, um casal gaiato maduro e experiente, de coração pobre e limpo, têm sido uma ajuda preciosa no acolhimento aos pobres, na distribuição dos alimentos, ao longo deste penoso ano.

Se não fossem eles, com as senhoras doentes, não sei o que teria sido. Vejo aqui a mão de Deus e o seu misterioso auxílio. Trabalham de graça, zelam de graça, sofrem de graça e por amor. Com as senhoras da Casa aprendem, ensinam e servem à nossa maneira.

A Igreja tem, na história da sua vida, grandes Mestres e uma longa experiência na arte de promover e educar os pobres. Seria bom que não imitasse o Estado nem as instâncias oficiais pondo à frente os técnicos e ficando na secretária.

Frederico Ozanam, nem por ser de há século e meio, deixa de ser mestre, ensinando-nos a enfrentar os pobres na sua cara — como na mesma esteira e conduzido pelo mesmo Espírito fez o Padre Américo, hoje tão pouco citado, talvez por isso. □

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

CONTACTOS — Para ajudar os nossos amigos e amigas que vêm ao nosso encontro, até para partilhar com esta Casa, aqui vão os nossos dados essenciais: Obra do Padre Américo – Casa do Gaiato – 3220-034 Miranda do Corvo; Telef.: 239 532 125; Fax: 239 532 099; E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt; NIF: 500 788 898; NIB (CGD): 003504680000557733018.

AGROPECUÁRIA — No Outono, uma das tarefas necessárias tem sido varrer as muitas folhas que vão caindo nos arruamentos, que depois se deitam na estrumeira. Nesta época, tem-se apanhado as azeitonas nos olivais para azeite, com menos produção. O couval da horta está uma maravilha! Vamos comendo dessas couves, na sopa. Um dos porcos adoeceu de uma vista.

MAGUSTO — A tradição tem-se mantido na Paróquia de S. José. A 11 de Novembro, Domingo, deslocámo-nos até Coimbra, onde fomos muito bem recebidos pelo seu Pároco, Catequistas, Escuteiros e muitas pessoas que partilharam vários momentos da tarde desse dia. Houve jogos populares e depois, nas arcadas da Igreja, uma alegre merenda com castanhas e doces que deixaram todos felizes. Bem-hajam!

MÚSICA — O jovem Paulo Sousa, mestrando na Escola Superior de Educação de Coimbra, tem vindo ao Sábado ocupar-nos em parte da tarde, para nos ajudar na música e na dança; e nós gostamos muito!

PARTILHA — A nossa Obra não tem subsídios... Vivemos do nosso trabalho e da partilha dos amigos. Entre outras ajudas, que agradecemos muito, podemos referir as chávenas de pequeno-almoço, leite e deliciosas compotas, pela mão de Engenheira amiga. A todos o nosso muito obrigado! □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

QUE TODAS AS SEMANAS SEJAM SOCIAIS — Na altura em que estamos a escrever esta crónica estamos a poucos dias da Semana Social organizada pela Conferência Episcopal Portuguesa, na Casa de Vilar, no Porto. O programa é aliciante. É muito importante que a Igreja Portuguesa organize eventos como este que possam contribuir para aprofundar a reflexão sobre os nossos principais problemas sociais (desemprego, pobreza, problemas ligados ao envelhecimento da população e outros), mas é preciso que tais eventos tenham consequências práticas. Se não for assim, pouco mais serão que simples eventos intelectuais, interessantes para quem lá pode ir, mas que não vão muito mais para além disso.

Isto vem a propósito de uma tecla sobre a qual temos batido várias vezes, e continuaremos a bater, em consonância com a estratégia em boa hora estabelecida pelo Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo. É muito importante que a acção social da Igreja esteja organizada e activa em todas as paróquias. Ainda não é esta a situação em que nos encontramos, mesmo na Diocese do Porto que está numa situação relativamente boa neste domínio, quando comparada com outras, muito graças às Conferências Vicentinas.

É preciso que nestas Semanas Sociais e noutros eventos do género, se renove o apelo e se produza a reflexão, e a formação que são precisas para que essa acção social possa estar organizada e activa em todos os lugares onde a Igreja está presente com o seu culto.

Se formos por esse caminho, então todas as semanas do ano, em todos os lugares da nossa terra, serão verdadeiras semanas sociais, tal como Deus nos manda que sejam.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

VINDE VER!

Padre Quim

Entre duas espinheiras...

FORAM lançadas à terra novas sementes, que fazem parte da grande diversidade de árvores e plantas que formam o mundo verde da nossa propriedade. Desde as acácias, que agora, em Novembro, estão a florescer lindamente, aos espinhos que não permitem o acesso às rosas. Os pequenos estão entusiasmados e gostam de as ver crescer, seus olhos inocentes dão-lhes, cada manhã, as boas vindas à existência; por isso, não lhes falta água e estrume para suavizar a secura e a esterilidade do solo salubre, onde elas tiveram a sorte de cair. Tal como na pará-

bola do semeador, a mesma semente ante a diversidade de terrenos. Apenas um pormenor faz a diferença para o nosso caso: somos nós a escolher o terreno e, ainda mais, a sombra das espinheiras, o que não supõe terem caído despropositadamente entre os espinhos. Não nos rendemos à dificuldade de não termos um pequeno espaço para a estufa. O que nos faz falta, nestas terras de sol ardente e sufocante para os rebentos que espreitam o sol desde os viveiros. Nas grandes sombras de hoje crescem as grandes árvores do amanhã.

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Este ano temos feito menos jogos, mas não temos parado. Ora treino, ora jogos, o Grupo Desportivo continua em marcha. Temos tido alguns entraves, mas nada que não se tenha resolvido — para já! Ainda esta semana, tivemos que recorrer a uma pessoa que nunca fez de árbitro, porque o «nosso», voltou a falhar... Começa a ser complicado fazer jogos em Casa, se bem que, o piso, também está no «osso» e a pele começa a sair com mais facilidade do corpo dos atletas. Estamos convencidos que melhores dias virão!

Em relação ao jogo deste fim-de-semana, recebemos os Juniores do Clube Desportivo de Portugal, da A.

F. Porto. Um jogo bem disputado e um pouco impróprio para cardíacos. O Desportivo marcou cedo e, esteve a ganhar por duas bolas a zero. Fábio, (o nosso «preto feio»), depois de uma bela jogada, alterou o marcador para 1-2; Joaquina, que está a subir de forma, fez o 2-2 e o 3-2. Como não há duas sem três, o adversário fez o 3-3, com um golo com a mão, que o árbitro não viu, mas que contou. O visitante, mesmo assim, não ficou satisfeito e fez o 3-4. No entanto, Erickson, com alguma sorte à mistura, voltou a alterar o placard para 4-4. O 5-4, foi apontado pelo «refilão» André «Espanhol», e, já muito perto do fim, sem saber nem escrever, o Desportivo

MOÇAMBIQUE

André Fernando

Os exames correram bem. Os da 10.^a Classe fizeram-nos na Escola Secundária Malangatana Valente Ngwenya; e os da 5.^a e 7.^a Classes, na nossa Escola. Os resultados foram bons, esperamos que o próximo ano seja melhor. Parabéns a todos pelo esforço. Os que ficaram para a segunda chamada terão mais duas semanas de preparação.

Finalmente o primeiro grupo já saiu de férias para o Bilene.

O Raúl, Professor Muteto, Tia Carolina e Tia Sandra, acompanha-

ram os primeiros rapazes que desfrutaram melhor da linda praia.

Sábado tivemos festa de encerramento do ano lectivo. Os pais participaram com muito carinho, sobre o tema «a tarefa essencial do professor é ensinar a alegria do trabalho e do conhecimento», com uma linda demonstração da canção «as tradições são diferentes».

Recebemos um contentor dos nossos amigos espanhóis (conserva, material de limpeza, roupas, calçado,

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

JANTAR DE NATAL — É a 15 de Dezembro (sábado), pelas 19h30, em Oldrões — Penafiel, que se irá realizar o jantar convívio comemorativo da época natalícia. Que melhor ocasião para juntar a família gaiata no espírito da «Família de Nazaré»? Precisamos todos de sentir que o simbolismo do Natal vem do fortalecimento e reafirmação do significado dos laços inquebráveis da «Família» que Pai Américo tanto incutiu no espírito e no coração dos rapazes sem-eira-nem-beira, que se fizeram homens no seio da Casa do Gaiato, sua família paterna, para sempre, e servem hoje de exemplo aos mais novos.

Como também já é do conhecimento de todos, cada pessoa deve trazer uma prenda simbólica para oferecer, não esquecendo as crianças por maioria de razão. As reservas

devem ser feitas o mais rápido possível para os contactos 912 163 569 ou 917 414 417.

ACTIVIDADES — Quando lerem esta crónica já se realizou o tradicional Magusto; foi no Domingo de 25 de Novembro. Assaram-se as castanhas acompanhadas das já tradicionais papas confeccionadas e oferecidas pela Eulália, esposa do nosso «Quim Peroselo», assim como o caldo verde. O ambiente esteve bem animado. A nossa «tocata», já muito bem afinada, pelo presidente da associação, o dinamizador, ensaiador e maestro Miguel, brilhou com canções tradicionais portuguesas tão do nosso agrado.

Como sempre e mais uma vez, temos como principal desiderato, conseguir um convívio, o mais familiar possível, em que a partilha e a

de Portugal, fruto de mais um resalto, fixou o resultado final em 5-5. Foi um festival de golos e de futebol de ambas as partes!

Um jogo com dez golos a «incendiá» os ânimos, no bom sentido, de toda a assistência que saiu mais uma vez satisfeita; dando o seu tempo por bem empregue, pelo facto de ter assistido a um jogo de futebol, praticado por jovens que, apesar de fazerem o que gostam, dignificaram a modalidade.

Antes de terminar, queremos salientar que toda a comitiva do Desportivo de Portugal se deslocou a nossa Casa, em carros particulares. Por aqui, se vê a boa vontade de toda esta gente que, muitas vezes, passa despercebido a alguns dos nossos!

Alberto («Resende»)

material escolar e alguns computadores).

O nosso muito obrigado a todos que contribuíram para a melhoria da nossa alimentação.

Neste tempo de férias, aproveitamos para ter aulas de informática, desporto, música e mais tempo com afazeres da fazenda e oficinas. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Novembro, 42.575 exemplares

sã convivência nos faça sentir que com união, todos os esforços valem a pena e a Associação continue no bom caminho para ser um ponto de encontro dos antigos gaiatos, afinal um dos grandes objectivos para que foi criada impregnada do espírito de solidariedade cada vez mais necessário e actuante. Também já se encontram em velocidade de cruzeiro as aulas musicais e aulas de Pintura.

AGRADECIMENTO — A nossa sede ficou mais animada com a religação da televisão ao aparelho «TDT», para captar o sinal de TV, o que alegrou todos quantos a frequentam; por isso, queremos aqui manifestar a nossa gratidão à Dra. Maria de Fátima Vieira e também à D. Lurdes Antunes pela generosidade em acederem prontamente ao nosso pedido. □

A Obra da Rua é uma grande sombra, sob a qual estão confiados o futuro de centenas de famílias dos que não tiveram este privilégio natural. Grande desafio, cheio de esperança! Com os olhos postos no horizonte e com o serviço nas mãos a ser feito sem hesitação encontramos o sentido e a alegria de caminhar e do nosso próprio viver. Só a visão acertada do futuro explicará o significado da vida ter de ser vivida como um dom de amor a Deus e aos homens. Em tudo isso não falta a tensão normal e constante do que estamos a viver e o que se nos espera num futuro sem data, advertência amiga e sem temor dada aos

rapazes de modo oportuno, alegre e conveniente para que nunca se esqueçam da nossa vida, da sua natureza e identidade, para poderem dar uma resposta àquilo a que estão chamados a ser, quando tiverem capacidades e meios dignos e humanos para se governarem, no sentido verdadeiro e original da palavra. Não como a sociedade a projecta de maneira egocêntrica e com excessivos atributos para a auto-suficiência e para o egoísmo.

Estamos acostumados a ouvir falar de auto-sustentabilidade da Igreja nas terras de missão. Que evidência mais agradável, consciente e madura da realidade de vida das próprias comunidades.

A cultura da solidariedade se faria sentir e deixaria de ter fama de estar adormecida. É uma satisfação muito grande, poder comer o pão, fruto do nosso próprio trabalho, suado e abençoado! É desde muito cedo, ou nunca, que se desperta a criança para este facto vivencial. Mas o caminho a percorrer, para tal, ainda é bastante longo. Possível mas muito lento. É como o da semente que germina, e leva tempo até se tornar árvore. E neste sentido há sinais de esperança e de vida nos viveiros da solidariedade ante a auto-sustentabilidade, que nunca deverá significar ausência

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Apesar de tudo, Esperança!

DEFENDER e cuidar dos mais frágeis é sempre e em cada lugar uma causa justa, em que há marcas do Redentor, que está vivo! Veja-se o susto que aconteceu no tempo de Jesus, quando O consideraram inimigo da lei e perturbador; afinal da hipocrisia de fachada e vazia. Os enfermos eram curados, os mortos ressuscitavam e os pecadores iam em paz...

Quando surgem males, até físicos, incompreensões e sacudidas, que escapam à lógica humana, sendo testemunhas do Mestre nas coisas simples, não se está longe de acolher o Salvador que chega até nós pela humanidade real do Menino Deus; e na Sua vida terrena chega ao sacrifício na Cruz.

Há momentos no caminhar humano em que surgem desilusões e tensões, deixando-nos perturbados diante de situações difíceis. Ficamos desorientados sem saber o que fazer e dizer, em horas de provação. Parece-nos que Deus Se escapa de nós e do mundo, sem dizer nada a ninguém...

A palavra do Senhor é sempre de consolação: *Os meus pensamentos são de paz e não de desgraça*. Há uma certeza de quem espera e arrisca a sua vida por Ele, que dá fortaleza: construir a nossa vida em Cristo.

As dificuldades graves custam muito a ultrapassar, quando se esvai a confiança na Bondade celeste. Fixemos então as palavras do pai de um menino

enfermo, no Evangelho: *Eu creio, Senhor, mas aumenta a minha fé!* A Providência amorosa vela pela criatura humana para a conduzir bem, como canta o salmista: *O meu destino está nas Tuas mãos*. Na insegurança, esta entrega pacífica: *Eu conto contigo!*

É verdade que temos andado a ruminar nestes pensamentos, por estes dias de folhas caídas, não perdidas. Em matéria social, vêem-se sinais de que incomoda o pulmão da Caridade, na gratuidade. Como é que, em tempo de escassez de recursos do Estado Social, nalguns momentos se emperra o serviço desinteressado aos débeis. Aqueles que clamam justiça não são papéis, mas pessoas vivas, de carne e osso, que não podem esperar nas suas afli-

ções. Quando se está no terreno inquietante dos problemas duros e se privilegia o encontro pessoal, escuta-se com frequência clamar pelo que é básico na vida humana, para não se ficar prostrado à beira do caminho. É de dizer que *o mundo pertence àqueles que lhe oferecerem maior esperança*.

Nestas veredas, acenamos aqui um desalento. Vincamos que, neste País a enrugar a olhos vistos, os mais tenros em risco e pobres não podem ser mercadoria ou dados jogados, mas verdadeiros sujeitos de promoção e protecção social. Foi uma nuvem de inquietação pelo *projecto de vida* de um menino. Para quem trilha estas andanças, pode ter no seu horizonte Moisés, que levantava os braços pelo povo.

Entretanto, a chama do ânimo avivou-se, quando se cruzou com momentos de redobrada e boa intenção, pelos cuidados de saúde prestados a dois Rapazitos. No Centro de Cirurgia Cardiotorácica de Coimbra, foi internado

o Joel para operação por doença valvular aórtica. Uma equipa bem chefiada e reconhecida tem demonstrado quanto vale para a saúde da população um serviço de saúde prioritário, capaz e samaritano. Com frágil coração, não podia esperar; e por isso foi chamado. A operação delicada e a medicação, embora crónica, devolveram-nos a confiança. Numa enfermaria, deixaram escapar que é preciso lembrar muito, naquelas horas, os cuidadores, para além daqueles que entram no bloco operatório... De facto, naquele ambiente transparecem sinais de fé no Médico divino.

A par, também um pequenote, o Malam, dito *gadocha*, ficou a ver melhor o mundo que o rodeia, depois de uma cirurgia no Pediátrico. Neste tempo, que não se afigura risonho para muita gente, desprovida de alento, apesar de tudo, vamos esperando momentos de esperança; e que acontecem a cada passo. Com o Senhor ao nosso lado, não vacilaremos! □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

APESAR dos pesares, nossa Casa virou uma festa. Na mesma semana em que esteve cheia com tantos que nos trouxeram amizades e esperanças de um novo viver, fomos visitados logo no sábado pelo grupo internacional "Umoja". Claro que foi na nossa Tenda do Encontro. Como ficam maravilhados quando ali entram, e não costumam entrar em Igrejas! Integrantes de oito países do Sul de África e da Dinamarca, entre cantores, bailarinas e bailarinos. Tambores e Timbilas, guitarras acústicas, baterias, flautas, saxofones e colunas de som que se elevavam a quatro metros. O comando de som, ao fundo atrás dos bancos. Estes cheios. Dois noruegueses regalararam-se, no meio de toda a gente, com o espectáculo que eles sustentam em digressões pelo mundo. Uma bela e ímpar afirmação de energia e confiança no mundo jovem do extremo africano, em harmonia com o extremo europeu. Se toda a África e toda a Europa pudessem ser a Boa Nova para este mundo instável, os portentosos vivendo em cápsulas nucleares de protecção indestrutível, gravitando à volta do seu sol, o dinheiro, e uma multidão incontável de milhares de milhões, de todas as raças e línguas, com a esperança em eclipse permanente, mudaria certamente a face aterradora do

planeta. Eles são o sangue novo da esperança.

Outra festa, o encerramento do Ano Lectivo. O espaço não pôde conter todos os familiares dos alunos externos. Uma fífia tremenda com a falta de som. Os técnicos da Casa, montaram tantos aparelhos e eram tantos os fios que acabaram por dar bota. Só no final, quando iam exibir-se, se ouviu e percebeu. Actuaram sem microfones, como até ali. Abriram os mais pequeninos, cada grupo com a sua educadora, em danças e declamações e fecharam os do pré-escolar, ataviados com togas e capelos, que entraram e rodopiaram ao som de uma valsa. Depois foi um delírio. Elas e eles em grupos, representando os diversos países, num autêntico desfile de moda, passaram à frente do altar: Brasil, Japão, Índia, União Europeia, Portugal, Espanha, países Árabes, China e Moçambique. Uma simbiose perfeita deste País em construção.

A diversidade de trajes foram modelados pela nossa Tia Carmen, que se encontrava atrás do biombo, dando os últimos retoques. Tem sido preciosa a estadia em nossa Casa, vai em mais de onze anos.

Na juventude, ainda espanhola, fez parte de um grupo de quatro jovens que terminaram o Curso de Marketing na América. Depois

trabalhando numa das mais famosas marcas de perfumes, chegou a gerir mais de mil vendedoras, com deslocações frequentes a Londres e Nova York.

Casou com um português, o "Sam", dos cartouns do Guarda Ricardo e muitos outros. Como Eng.º acompanhou-o na construção da Barragem de Picote. O 25 de Abril desligou-a de tudo. Convidada a activista do PC, explicou que a sua actividade não podia alhear-se do momento político. Analisava simplesmente os programas dos Partidos para as suas parceiras. Foram-lhe caçadas todas as economias em acções acumuladas ao longo de cinquenta anos. Voltou a ser espanhola após isso e a morte do marido. Depois com o coração inquieto, fez um Curso de puericultura e veio para nós. Dedicou-se aos mais pequeninos da Casa 1 e a cursos de corte e costura e culinária, pelas aldeias. Os rapazes que tiraram Hotelaria e Turismo, viraram cozinheiros com maior vantagem, pela sua dedicação. Tudo o que sai das suas mãos é uma delícia e foi um deleite naquele sábado a exibição de roupas que só mesmo ela podia fazer. Autênticos manequins em desfile. Todos deliraram. Agora, muito doente dos rins, vai ter de ir a Portugal onde tem filhos e netos, para ser operada. Tem sido uma bênção de Deus que só o coração sabe agradecer. Ficam duzentos Rapazes a rezar. □

SINAIS

Padre Telmo

Olhai os lírios do campo

UM dia, em plena serra encontrei um... pasmei e, num gesto sequioso e irreflectido, cortei-o.

Instantes depois senti dor ao vê-lo murcho na minha mão. Fiquei triste e magoado. Deus o tinha posto ali entre a sequeidão das urzes e carquejas — como sinal de beleza.

Se pusermos, na sequeidão do nosso meio, gestos e sinais de amor, serão lírios silvestres na encosta agreste.

Há dias, num desastre de carro morreu o nosso «*Topogigio*», assim o chamávamos quando era pequenino. Era querido pelos patrões e companheiros da empresa onde trabalhava.

Foi cortado, como flor, em plena juventude! Que o Senhor a regue no Céu.

* * *

Depois duma dor de parto, saiu o nosso contentor... «mas ele não é para os vossos meninos sem pais?» — É! — «Então a razão de tanta papelada, dos mil tributos e tanta demora?»

São as leis. Como uma empresa. Vamos proclamar que não somos empresa; sim, pobres e temos uma meta: Os mais abandonados.

Que os Senhores do mando saibam que é assim.

As despesas do contentor levaram o resto das nossas economias. Fruto do nosso trabalho e de algumas ajudas de famílias amigas.

* * *

Vieram dois da rua e de novo foram outra vez. Os rapazes não dizem foram, mas, fugiram.

O vício da rua entranha-se e domina. Um deles, quando veio no fim da manhã, já tinha cento e trinta kuanzas.

— Dá cinco. Dá dez. — É o seu pregão.

Dá para a gasosa e as bolachas. A rua é dele. Dele a sua liberdade. A mãe não os rejeitou, foram eles que beberam o vinho da rua. □

de comunhão e de partilha. Eis os perigos do extremismo a que nos devemos acautelarmos.

É costume, principalmente aos Domingos, dia do Senhor por excelência e solenemente celebrado desde a Missa até à mesa, prepararmos para o almoço uma sobremesa especial. Ora, aconteceu que tivemos, por esta ocasião, a fruta da queda dos nossos primeiros pais: nome por que ficou conhecida a maçã, por um grupo de meninos que acompanhei na

catequese nos meus tempos de seminarista. Fiquei surpreendido quando vi os rapazes a trazerem as sementes desta fruta para a nossa mesa. Compreendi logo a intuição dos rapazes; os gestos das crianças substituem a linguagem verbal dos adultos e são mais comunicáveis do que qualquer discurso ou palavreado barato. Era como se estivessem a dizer que aquelas sementes estavam a precisar de um espaço para o seu crescimento. Eles têm o gosto afinado para ver

crescer o que é seu. Gostava muito de perceber donde lhes vem tal sensibilidade. Ao mesmo tempo que reparo, com preocupação, o constante movimento de pessoas estranhas que fazem da nossa propriedade a rota diária para chegar ao Bairro da Graça, ou para sair dele. Quantos rapazes, levados por estes ventos que vão e que vêm, não se deixarão levar pelas canas agitadas? Um muro em volta seria a solução para impedir a vadiagem em terrenos de formação do

homem para a vida. Nunca para formar um mundo à parte, mas para defender, o projecto educativo, o sentimento de pertença familiar comunitária e de respeito e disciplina. Somos a *porta aberta*, e sempre que for por ela somos bem-vindos ou bem despedidos. Nunca pelas janelas, é uma falta para os de dentro como para os de fora. Para estes com bastante gravidade. Debaixo das espinheiras estão a germinar as futuras árvores que serão, depois, transplantadas, a

seu tempo, nos pontos de limite da propriedade. Futuros espinhos... e se fossem rosas? E quem é que admira a beleza das rosas sem antes ter posto os olhos nos espinhos? Oxalá chegue o dia de termos um muro que proteja estas rosas vindas das ruas, então deixaremos de nos preocupar com os espinhos que as querem sufocar. O bem resistirá sempre, mesmo em tempos difíceis. O mundo precisa de corações valentes, cuja arma de combate se chame amor. □

BENGUELA

Padre Manuel António

A reunião dos chefes da nossa Casa do Gaiato terminou, há momentos. É um ponto muito importante da nossa vida familiar. O segredo do êxito ou do fracasso do nosso trabalho educativo está, também, no grupo de chefes. São as colunas sobre as quais assenta o edifício humano, feito das pedras vivas que são os membros da comunidade. Quando os pais, numa família natural, recebem o apoio dos seus filhos, no serviço educativo, caminham mais confiantes e seguros. E que dizer duma família tão numerosa, marcada pela nota da diversidade, como é uma Casa do Gaiato?

Pai Américo buscou nos membros desta família, como princípio fundamental, o segredo inovador no campo da educação. «*Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*», traduz a dinâmica participativa do projecto educativo nas Casas do Gaiato.

Os chefes são pedras fundamentais neste processo. Por isso, dou-lhes o nome de colunas. Este encontro regular é a oportunidade para avaliarmos o trabalho em acção.

Na medida em que servimos por amor, seremos tanto mais felizes. Foi a nota dominante. Cada um recolhe o que tiver semeado. É um princípio válido em todos os sectores da vida e, dum modo especial, no campo da educação. Quem dera os nossos Chefes amem cada vez mais a sua missão de serviço por amor gratuito aos seus irmãos!

Tenho muito viva a lembrança das palavras dum rapaz que foi chefe em nossa Casa: «*Graças à experiência que fiz, os meus*

filhos beneficiaram muito». Tem, agora, 60 anos!

Tenho o mapa de Angola, diante dos meus olhos. Mais de 500.000 crianças estão ameaçadas de má nutrição aguda, em algumas regiões. Acabei de ler esta notícia, há pouco tempo. A causa principal é atribuída à seca. A maioria da população, porém, vive, habitualmente, na pobreza. Quem dera possamos dar a mão, dentro das nossas possibilidades. Confio, também, ao vosso coração esta dor.

A inclinação profunda do coração humano, em geral, não é para distribuir, mas para acumular os bens e empregá-los nos prazeres egoístas. É uma tentação muito perigosa. Os bens materiais, quando são partilhados, constituem um bem para a pessoa e para a sociedade.

É impressionante o gesto daquela viúva que oferece o que tem a quem é mais pobre do que ela. A sua generosidade é a garantia da sua segurança. É, na verdade, um modelo a admirar e a seguir. Sabemos que a fome, a miséria são fruto do egoísmo.

A multidão de crianças, ameaçadas pela fome, já bateu à porta do nosso coração. Que podemos fazer? Em situação semelhante, nasceu o Infantário e a Creche, ao cuidado do amor maravilhoso das Irmãs Cooperadoras Paroquiais. Muitas crianças, subalimentadas e em perigo de vida, encontraram o segredo que as transformou nas crianças mais lindas.

O amor e só o amor é capaz de operar tamanhas maravilhas. Vamos dar passos em frente, de mãos dadas e corações muito

unidos, na partilha do que temos. A caridade seja a nossa única dívida mútua!

O ano lectivo chegou ao fim. Hoje mesmo, tiveram início as provas finais. Veremos, em breve, o resultado do investimento importante, feito ao longo do ano. Sem dúvida, a preparação escolar dos filhos constitui uma ocupação muito densa da parte dos bons pais. É o seu futuro que está em jogo.

É interessante como, desde o início das Casas do Gaiato, há mais de 70 anos, a escola entrou no projecto educativo, ao lado do refeitório. Os rapazes vão, na área escolar, até onde forem capazes. É uma grande alegria ouvir dizer, da parte dum responsável universitário, que a Universidade tem as portas abertas a todos os rapazes com médias de mérito. Quem nos dera ter muitos! Infelizmente, porém, não acontece. Alguns beneficiam deste dom extraordinário. Porém, não podemos desanimar. Vamos continuar a investir neste sector para o bem pessoal e da nação que necessita muito de gente bem formada.

Continuamos à espera das ajudas económicas para a solução dalguns problemas que nos afligem, há bastante tempo. Batemos à porta dalgumas empresas. Queremos recuperar as habitações que necessitam duma renovação geral que não é feita, há muitos anos. A resposta, porém, tarda em chegar. Porém, a vossa presença amiga e fraterna, ao jeito da viúva do Evangelho, conforta-nos e dá-nos ânimo. Neste final do ano e princípio do próximo, abrimos a porta aos pedidos de entrada para novos filhos muito carenciados do nosso apoio. Também são vossos! □

SETÚBAL

Padre Acílio

Um filme

POR obrigação de dar a conhecer mais perfeitamente a realidade de uma Casa do Gaiato, de forma actual, simples e acessível, abalancei-me à edição de um filme sobre esta, de Setúbal.

Ele aí está, à disposição de todos, em DVD. A empresa que o produziu, a WOKFILMES, diz na sua capa: «*Este filme é uma viagem à Casa do Gaiato, dando a conhecer os princípios que a estruturam. Não se trata apenas de um espaço onde vivem os rapazes, é muito mais do que isso, a Casa do Gaiato é uma casa de família com as suas rotinas, repleta de verdadeiras histórias de vida*».

A nossa realidade sempre foi nova. Com ela, no princípio o Padre Américo estoirou com todos os esquemas antigos da farda, do número e de imensas amarras desconhecidas; hoje, perante uma evolução que só aconteceu na forma, e se manifestou incapaz de evoluir no conteúdo, continua a ser **nova**.

O filme apresenta a Casa do Gaiato como o **caminho** mais seguro para o rapaz sem família ou com ela desfeita. Um ambiente que o integra e projecta na vida, como qualquer família decente.

Um lar que o acolhe com afecto verdadeiro e vivo, gratuito, permanente e acolhedor, e o assume como se nele tivesse nascido.

Um **seio** onde toma a consciência e a segurança de poder mamar, ao longo de toda a vida. É o seu seio e o seu esteio.

O **amor** humano e sobrenatural que, como o sangue irradia e estabiliza o corpo, assim este preenche todos os momentos, princípios, actividades e problemas de cada rapaz. Este sublime sentimento que torna a vida fácil e feliz é abundante não só na estrutura, mas mais ainda, na periferia onde todos se amam como irmãos. Os próprios rapazes dão e recebem amor uns aos outros continuamente, fecundando uma fraternidade admirável.

Deus, cuja presença invisível se torna próxima de todos pelas permanentes acções de bondade em que estamos envolvidos e pela sua contínua invocação.

O **trabalho** é a nossa riqueza individual e colectiva. Adquirir hábitos de trabalho sempre foi e será, fundamental para o equilíbrio de qualquer homem e da sua felicidade.

Alegria vê-se na exteriorização exuberante e sucessiva dos rapazes, no ambiente que os rodeia e na mensagem inextinguível que transmitem.

Família, esta sente-se no aconchego afectuoso apesar da aglomeração de filhos e de irmãos. As senhoras e os padres não têm fins-de-semana, nem horário, nem férias, nem festas; a nossa vida é sempre com eles e para eles. Este modo de viver com os rapazes sendo embora do domínio da consciência e por isso invisível, imprime-se nas nossas relações e torna-se facilmente notado.

Liberdade que não é libertinagem nem facilidades por esses caminhos. Liberdade implica sempre responsabilidade e consciência do educador da capacidade discernível do educando.

Porta aberta a qual não se apresenta só fisicamente, mas também o conhecimento estrutural e colectivo de que *ninguém faz homens de rapazes domados*, no dizer claro, singelo e experimentado do Padre Américo.

Eis o filme cuja beleza diverte, enche e instrui, manifestando as maravilhas que Deus faz pelas nossas mãos.

O Leitor pode adquiri-lo, requisitando-o para esta **Casa do Gaiato, 2910-281 Setúbal**.

Mandei fazer cinco mil cópias e já estão disponíveis. Uma boa prenda de Natal, uma riqueza que a família pode pôr diante de pais, filhos e netos.

Quanto custa? É o nosso preço: o adquirente dá o que entender sabendo que somos pobres e fizemos gastos. □

MALANJE

Padre Rafael

... O Reino não está longe

O Reino está no meio de nós... Quando o rosto de uma criança nos faz rir, ou a acolhes nos seus braços porque está chorando... quando os beijos de uma avózinha nos sabem a mel, ou desabafa contando-nos as suas mágoas... quando te reencontras com um amigo, ou te despedes com um abraço... quando paras para saborear um café, ou quando discutes o que não corre bem na vida... quando te esforças para curar as feridas de um desconhecido, ou o acompanhas quando vai ao médico — no meio de cada pequeno gesto, está a nascer o teu Reino.

Foi em Abril passado que Padre Telmo me pediu para o deixar preparar um contentor para Malanje, pois não tínhamos leite para os nossos Rapazes. Obviamente que o encorajei e ele partiu, mais Padre Quim, em Maio. Foram dias de bater a muitas portas amigas. Padre Telmo sabia que as coisas não estão a correr muito bem para Portugal, por causa da crise, mas tinha a certeza de que os Amigos sempre nos ajudariam com o necessário.

Os diferentes Padres da Obra deram do seu pouco: alimentos e roupa não poderiam faltar... peças para o tractor avariado e para a serra de madeira... materiais para a serralharia e para a carpintaria... cader-nos e esferográficas para o próximo ano lectivo — tudo dado e recebido com amor.

Chegou o tempo de tratar dos documentos para enviar o contentor. Sempre é a parte que mais dores de cabeça nos causa. Falta um documento, uma factura... Mas, sempre aparece uma alma caridosa que nos dá uma solução, no último momento. Foram dois meses para tratar do contentor, e um para tratar da papelada e enviá-lo.

Dizem-nos que o contentor chegou a Luanda e que agora é necessário levantá-lo do porto. Foi um mês e meio de idas e vindas até convenceremos os responsáveis de que ele é destinado a uma Obra de caridade. Graças a Deus, festejamos o começo do mês do Novembro com o contentor a chegar à Casa do Gaiato. Foram seis meses de esforço e de generosidade por parte de muitas pessoas. Contudo, este foi o contentor, dos últimos quatro, o que menos dores de cabeça nos deu.

A chegada deste presente de Natal, antecipado, foi uma alegria no meio das dificuldades que experimentamos nestes últimos tempos. Pouco a pouco vão terminando as aulas e vamos reforçando as áreas de trabalho, dedicando-nos com mais força à agricultura. O milho germinou e as couves e cebolas não faltam na nossa despensa.

Tudo nos parece anunciar que o Reino não está longe. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Ninguém sabe o fruto das sementeiras antes do tempo da colheita; e como é certo que nas jeiras do Evangelho tanto lucra o que semeia como o que colhe, que seja abundante e feliz a recolha, já que nos pareceu tão pobre a sementeira.

in Pão dos Pobres, 1.º Vol.